



Teatro & Dança

Coordenação **Cristina Margato**
cmargato@expresso.imprensa.pt

TRANSATLÂNTICO

De **Ricardo Neves-Neves**

São Luiz Teatro Municipal, Lisboa,
de 23 a 26 de junho, Cineteatro
Louletano, Loulé, 8 e 9 de julho



O projeto de adaptar "Titanic", de Christopher Durang (1974) compreende duas ilustrações de José Cruz

Os grandes, os maiores

"Transatlântico", de Ricardo Neves-Neves e da Companhia Maior, é uma comédia que passa por cima de tudo o que é bem-comportado e nos leva até à realidade do excesso

TEXTO JOÃO CARNEIRO

O projeto "Transatlântico" compreende duas ilustrações, de José Cruz, que representam uma paisagem com um barco. São um pouco como postais ilustrados, e têm muito do encanto das ilustrações de livros para crianças, por exemplo. Como se poderá ver na imagem, é mar e céu, essencialmente. Há também um vulcão, no horizonte, mais ou menos, do qual sai um fumozinho

cor de rosa. Há nuvens. O barco, ao centro, está quase na vertical, e só metade fora de água; é uma posição pouco usual para um navio, a não ser que se esteja a afundar; e o céu numa das ilustrações é azul, como os céus devem ser, os verdadeiros, os céus celestiais; noutra ilustração o céu é amarelo.

Não é, talvez, muito comum o céu — paradisíaco, sobretudo — ser amarelo. Mas Goethe escreveu que "o amarelo é uma cor agradável, doce e alegre", e não somos nós quem vai contrariar o grande autor. Mas o navio parece, de facto, que está em maus lençóis, por assim dizer. Está.

O projeto "Transatlântico" é um espetáculo que se passa a bordo de um navio chamado "Titanic". Como todos sabem, "Titanic" era o nome de um dos mais famosos navios de passageiros, o maior, o mais luxuoso, o mais seguro da época, 1912. Infelizmente, na sua viagem inaugural, entre Southampton e Nova Iorque, bateu num icebergue e foi ao fundo. Morreram cerca de mil e quinhentas pessoas, salvaram-se cerca de setecentas. Azar. Pena. Já estamos a ver que talvez nem tudo seja assim tão paradisíaco como podia parecer quando vemos a imagem, de relance, num primeiro momento. O desastre afinal está lá, e o amarelo do céu, tão bonito, tão verdadeiro — o poeta Paul Éluard escreveu uma vez "a terra é azul como uma laranja" — começa, eventualmente, a cobrir-se de uma leve sombra, a sombra do desastre. Como também escreveu Goethe, ainda sobre o amarelo, "mas na sombra facilmente se desvaloriza, e a mínima mistura torna-o sujo, triste, feio e pouco interessante".

Não é preciso exagerar. Se a sombra é a do desastre, ela é também, no espetáculo, vigorosamente contrariada. Ricardo Neves-Neves lembrou-se do naufrágio do "Titanic", do filme "Titanic" de James Cameron e, especialmente, da peça "Titanic", de Christopher Durang

(1974). É uma comédia desenfadada, que o encenador e dramaturgo cortou e transformou, mas sem deixar de lado o essencial, ou seja, as aventuras, a bordo de um "Titanic", da família Tammurai — mãe, pai e filho; de Lídia; do capitão; e do Marinheiro Higgins. Tudo em grande, como convém a um projeto que é tanto do encenador como da Companhia Maior — uma Companhia de teatro com gente de uma idade acima dos 60, com muita experiência, e com uma apetência desmedida para tudo aquilo que é exagero artístico. "Transatlântico" não é nenhum barquito, nenhum naufragiozito. É uma coisa em que Richard, o pai, faz olhinhos (e outras coisas) aos marinheiros e a tudo o que é homem; em que Victoria, a mãe, lhe diz que Teddy, o filho, não é filho dele; mas ele diz-lhe que Teddy também não é filho dela; ela diz-lhe que Annabella é filha dele, mas ele diz que, afinal, não é; ela diz que não existe Annabella nenhuma. Gravidez, parto, dar à luz, ter sexo? Mentiras, trapaças, "truques com espelhos" (enfim, sempre, sempre, não...). "Transatlântico" é uma comédia sobre viagens, sexo, família e identidades diversas e frequentemente fugidias. É um espetáculo com canções, em que uma personagem é representada por diversos intérpretes, o que faz com que, por vezes, uma fala pareça um diálogo de si para si, de Richard para Richard para Richard, por exemplo, ou que pareçam três pessoas a falar. Extravagante? Não. Como escreveu Paul Éluard, no seguimento do verso citado mais acima, sobre a terra e a laranja, "nunca um erro as palavras não mentem", assim mesmo, sem vírgula e sem erro; tal e qual. Encenação e dramaturgia de Ricardo Neves-Neves. Cenografia de Stéphane Alberto, figurinos de Rafaela Mapril, desenho de luz de Luís Duarte, sonoplastia de Sérgio Delgado. Interpretação de Carlos Fernandes, Elisa Worm, Isabel Simões, Michel, Maria Emília Castanheira. ●